

DEUS
NÃO É MAIS
BRASI
LEIRO

JOEL PINHEIRO

DEUS

NÃO É MAIS

BRASI

LEIRO

Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2022
Copyright © Joel Pinheiro, 2022

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL
Lilian Vaccaro

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Bianca Gulim

ASSISTÊNCIA EDITORIAL
Raquel Escobar

PRODUÇÃO GRÁFICA
Giovanna Vaccaro

CAPA
Henrique Morais

DIAGRAMAÇÃO
Michael Vasconcelos

DADOS
INTERNACIONAIS
DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO
(CIP)

Pinheiro, Joel
Deus não é mais brasileiro / Joel Pinheiro – 1ª edição – São Paulo:
Coerência, 2022

ISBN: 978-65-89850-63-2

1. Política I. Título

CDD: 320



Rua Coronel Leme, 43
Centro | Bragança Paulista | SP
12.900-340
www.editoracoerencia.com.br

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
INTRODUÇÃO: MOTIVOS PARA O DESESPERO E PARA A ESPERANÇA	13
LIBERALISMO POPULAR BRASILEIRO	21
O PT É O NOSSO TRUMP	23
QUANTO MAIS POLÍTICA, MELHOR?	25
LULA, UMA TRAGÉDIA	27
VENEZUELA COMO TESTE DE CARÁTER	29
BEM COMUM OU GUERRA TRIBAL?	31
A AURORA DE UMA NOVA JUSTIÇA	33
A UTOPIA DAS REDES SOCIAIS	35
HOLLYWOOD, TENDE PIEDADE DE NÓS	37
FACEBOOK VS FAKE NEWS	39
OBRIGADO, CAMINHONEIROS	41
DEUS NÃO É MAIS BRASILEIRO	43
PARA QUE SERVE UM DEBATE?	45
A FÉ E O ESTADO LAICO	47
A POLÍTICA E AS FAKE NEWS	49

O RISCO DE BOLSONARO PRESIDENTE	51
A PRIORIDADE DO NOVO GOVERNO	53
A DESIGUALDADE IMPORTA?	55
LUGAR DE SILÊNCIO	57
A ESQUERDA AINDA EXISTE?	59
NACIONALISMO LIBERAL?	61
CENSURA TOGADA	63
DE SUPER-HERÓI A LACAIO	65
O QUE EU VI NAS RUAS	67
A ILEGALIDADE NÃO TOLERA O JORNALISMO	69
O QUE É LIBERALISMO?	71
AFASTA DE MIM ESSES CÁLICES	73
LULA ESTÁ PRESO A UMA POLARIZAÇÃO ANTIDEMOCRÁTICA	75
O MELHOR DO GOVERNO	77
VACINAS DA MENTE	79
COMO LIDAR COM O TIOZÃO REACIONÁRIO NO NATAL	81
COMO RECUPERAR A CONFIANÇA POPULAR NA MÍDIA E NA CIÊNCIA?	83
O PALAVRÓRIO DO PRESIDENTE IMPORTA?	85
FICA, CARNAVAL!	87
A GOTA D'ÁGUA	89
QUANDO AS REDES SOCIAIS INVADEM AS REDAÇÕES	91
O "CANCELAMENTO" É A NEGAÇÃO DA FILOSOFIA	93
O PROBLEMA DAS REDES SOCIAIS	95
PRECONCEITO ANACRÔNICO	97
TRUMP OU BIDEN: QUEM É MELHOR PARA O BRASIL?	99
O JORNALISMO VENCEU?	101
REFUNDAR UM PAÍS	103

A DÉCADA DAS REDES	105
A VERDADEIRA RELIGIÃO NACIONAL	107
BOLSONARO LADRA, MAS NÃO MORDE	109
MUNDO DA MÍDIA VS MUNDO DAS REDES	111
ONDE ESTÁ GUEDES?	113
BOLSONARISMO E NARRATIVA	115
POR QUE HOMENAGEAR OS BANDEIRANTES?	117
OS LIMITES DA LIBERDADE DE EXPRESSÃO	119
SÓ BOLSONARO "MENTE"?	121
O RADICALISMO GERA SEU CONTRÁRIO	123
TERCEIRA VIA: COMO E POR QUÊ?	125
EXISTE CRISTOFOBIA NO BRASIL?	127
QUE LULA É ESSE?	129
EXISTE "RACISMO REVERSO"?	131
O JORNALISMO ESTÁ ENVELHECENDO MAL?	133
A QUEM INTERESSA A LIBERDADE DE EXPRESSÃO IRRESTRITA?	135
DEDO NA FERIDA	137
A "COMPLEXIDADE" DA QUESTÃO RUSSA NÃO DEVE NOS IMPEDIR DE VER O ÓBVIO	139
PETISMO OU BOLSONARISMO: QUAL É PIOR?	141
CONCLUSÃO: LULA, O RETORNO	143

PREFÁCIO

Nas próximas páginas, leitora, leitor, está um pouco de como um liberal brasileiro viu o país neste período de transformações intensas que foi o arco entre o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff e os meses finais do governo Jair Bolsonaro. Esse liberal é Joel Pinheiro da Fonseca.

E, no Brasil de princípios da década de 2020, esse parágrafo inicial pode ser interpretado de tantas maneiras diferentes que ele não deve ser jogado assim, de forma impune, sem explicação que lhe dê contexto. O problema não está no parágrafo — está numa única palavra: *liberal*. Como pode uma palavra que deveria ser clara ter tantos sentidos, ser interpretada de tantas formas, quase sempre errada? Como podem tantos se dizerem liberais, e não o serem? Tantos odiarem liberais, quando em verdade são seus aliados naturais?

O liberalismo é a ideologia há mais tempo presente no debate político brasileiro. Como toda ideologia, sua intenção é dar ferramentas para interpretar o mundo. É uma lente, um jeito de ver. O socialismo parte da ideia-força de que a sociedade é movida por um contínuo embate entre classes econômicas. Essa tensão moveria a política. O conservadorismo enxerga valor na tradição, percebe equilíbrio na maneira como a sociedade se organiza e teme quaisquer forças que queiram atizar mudanças.

Liberais não são um ou outro. Liberais acreditam em mudança, lutam por mudança — às vezes mudanças radicais. O poeta Cláudio Manuel da Costa, primeiro tradutor de Adam Smith no Brasil, foi um dos incondicionais de Minas. Ele queria uma revolução. Frei Caneca, três décadas

depois, lutou em uma revolução, tentando impedir que os reis Bragança se impusessem sobre o Brasil independente. Dê mais uns trinta ou quarenta anos, e lá estavam Joaquim Nabuco e Luiz Gama lutando para que o Brasil fosse território livre de escravos. Rui Barbosa viu no envolvimento dos militares no governo da República uma das maiores ameaças à democracia brasileira. Pêrsio Arida e André Lara Resende resolveram aquilo que gerações de economistas não conseguiram resolver — deram ao Brasil, pela primeira vez em sua história, uma moeda forte. Estável.

O que todos têm em comum é que são liberais. A ideia-força do liberalismo é o princípio de que todos, humanos, temos direito à liberdade. Liberdade para falar o que pensamos, liberdade para nos reunirmos com quem quisermos, liberdade para construirmos nossas vidas, ter posse do que construímos, ir para onde desejarmos. Mas liberais têm plena consciência de que liberdade plena, liberdade total, termina por invadir a liberdade do outro. Então o primeiro limite está aí. Liberais compreendem, também, que uma sociedade não atinge um equilíbrio natural, que muitas vezes há injustiças, e que por isso mesmo erguemos um Estado, e esse Estado é regido por leis iguais para todos. Um dos objetivos do Estado, o principal objetivo, é garantir que todos tenham acesso ao suficiente para serem o melhor que puderem. Para que exista igualdade de oportunidades. Liberdade, afinal, só é possível de fato com a garantia de dignidade. Comida, teto, educação, segurança.

Uma das razões para a confusão a respeito do que é liberalismo tem a ver com um primo distante. Uns o chamam de neoliberalismo. Outros, liberistas. Há quem descreva a coisa de forma mais coloquial — liberal na economia, conservador nos costumes. Estes seguem, na verdade, uma outra ideologia. Nela, só liberdade econômica é importante, e Estado que trabalha para garantir a dignidade é Estado intervencionista. São conservadores disfarçados, gente que quer impedir que a mudança venha.

Mas, assim como é conveniente para alguns conservadores se dizerem liberais, é também conveniente para socialistas chamarem conservadores de liberais. Porque, assim, na confusão o espaço em disputa pelo caminho da transformação social parece ter uma só vaga, um só caminho. Nessa briga, até nossos nomes são disputados. Nabuco capturado pela direita mais radical como se fosse seu, Gama pela esquerda como se fosse dela. E lá é possível

dois parceiros de ideias, dois homens que lutaram desde jovens contra a escravatura, serem colocados em dois flancos tão distintos? Não, não é.

O que somos, além de muito antigos no debate político brasileiro, é minoritários. Isso somos mesmo. Aquele velho economista-chefe do Partido Liberal britânico, quando percebeu que sua legenda se tornaria uma frágil terceira via perante duas potências, que eram os Conservadores e os Trabalhistas, certo dia lamentou: “Talvez os liberais sirvam melhor ao Estado fornecendo ministros para os governos conservadores e ideias para os governos trabalhistas”. John Maynard Keynes também estaria certo a respeito do Brasil. Pois é. O Bolsa Família é um típico projeto liberal. Sem Estado tomando decisão para as pessoas e garantindo dignidade básica.

O liberalismo não é dogmático. Não é um conjunto de *slogans* que se repetem sem reflexão. Não congela no tempo suas ideias. O liberalismo se orienta por princípios. Assegurando tanta liberdade quanto possível, o Estado para garantia de dignidade, igualdade de oportunidades e perante a lei. O liberalismo aponta para um Brasil bastante longínquo, que precisa mudar ainda muito — e, convenhamos, radicalmente — para chegarmos lá.

Liberais, portanto, não têm sempre as mesmas ideias, até com frequência discordam entre si. É de sua natureza. E uma de suas principais vozes, no Brasil contemporâneo, é a de Joel Pinheiro da Fonseca. Sempre preocupado, como bom liberal que é, não em simplesmente concluir, mas explicar um raciocínio, construir um argumento, negociar com as tensões nas escolhas que faz.

Que anos vivemos. Anos de mudanças extremas, de um radicalismo que deseja calar o debate, e aqui, neste livro, cara leitora, prezado leitor, o que há é um liberal acompanhando todos esses momentos. Tateando em busca de compreensão. Propondo caminhos. Evidentemente, sempre massacrado por um lado e pelo outro. É de praxe.

Mas o Brasil é melhor por conta deste olhar constante e reflexivo.

Pedro Doria

Rio de Janeiro, julho de 2022

INTRODUÇÃO

MOTIVOS PARA O DESESPERO E PARA A ESPERANÇA

Às vezes sinto que o Brasil vive um grande surto coletivo, que atravessa um momento insano, de radicalismos, de cinismo descarado, paixões à flor da pele, ódios mútuos e sem sentido. Os piores declaram suas intenções perversas e são aplaudidos entusiasticamente. Boçalidade é motivo de orgulho. O que até ontem era impensável tornou-se a ordem do dia. O extremismo — seja de direita ou de esquerda — está em alta; a confiança nas instituições, cada vez mais baixa. Na verdade, não é só o Brasil. Golpes, terrorismo, atentados, facadas, ameaças, guerras; o mundo todo enlouqueceu?

Logo, logo estaremos xingando uns aos outros nas ruas. Ou já não estamos? Todo mundo tenso, reativo, pronto a cuspir na cara do irmão. Tudo acaba levando à política: não só a discussão sobre candidatos, mas também a religião, o estilo de música, até a peça de roupa. Tudo é político, e isso está nos afogando. É o nosso candidato ou o apocalipse. Nessa guerra santa, nada é sagrado. Governo, Congresso, Judiciário, eleição, direitos humanos, imprensa, empresa, igreja, ONU; são todos ou amigos ou inimigos, ou auxílio ou obstáculo na disputa insana pelo poder.

Nem sempre foi assim. Ainda me lembro de um momento — que durou pouco, dos anos 1990 até meados dos 2000, mas que parecia eterno e universal para quem cresceu nele — em que o mundo estava destinado — na

verdade: parecia estar — ao progresso, à democracia liberal, à globalização, ao fim dos preconceitos e até mesmo das guerras. Havia muito trabalho a ser feito, mas também a certeza do progresso. Hoje não temos a menor ideia da direção em que o mundo caminha nem muito menos se haverá progresso.

É um sentimento humano torcer para que essa loucura planetária passe e que voltemos à normalidade o mais rápido possível. Quem sabe, se o meu candidato vencer a próxima eleição, a paz volte a reinar. Detesto — talvez nem tanto assim... — ser um profeta do caos, mas não acredito em “volta à normalidade”. A instabilidade e a cisão são o nosso novo normal. A impressão de estabilidade, paz e progresso universais é que foram a exceção.

A normalidade de antes não voltará porque a base de sustentação dela ruiu. O chão se abre sob nossos pés. O máximo que podemos fazer é nos equilibrar entre as pedras que ainda não viraram escombros. Perdemos algo muito básico, fundacional. Penso numa palavrinha que é, na mesma medida, pretensiosa e incontornável: a *verdade*.

Toda sociedade precisa de critérios amplamente aceitos para distinguir o verdadeiro do falso. Em qualquer divergência, deve ser possível chegar a uma solução — ainda que provisória — que produza algo próximo de um consenso. Sem critérios comuns, eu viverei num universo com minhas verdades, e o meu vizinho, em outro. E como nossas ações terão de se dar neste mesmo plano, e os recursos disponíveis não são suficientes para todos os que querem usá-los, o conflito está armado. A falta de um critério comum leva à guerra.

Nossa sociedade ocidental, herdeira do Iluminismo, tinha critérios comuns para chegar à verdade por meio da razão. A estabilidade era mantida por um grande acordo institucional. Governos, agências reguladoras, universidades, institutos, grandes empresas e grupos de mídia, editoras, igrejas estabelecidas. A busca, geração e distribuição de informação para alimentar o debate público estavam em suas mãos.

Especialistas na academia e outras instituições de pesquisa geram conhecimento científico que alimenta o jornalismo que chega ao grande público. Jornalistas profissionais descobrem fatos e os divulgam depois de devidamente apurados. Em tese, deveria funcionar assim — na prática, como em toda atividade humana, reinava a imperfeição.

As grandes teses e interpretações da sociedade, bem como a popularização dos conceitos que haviam de guiar o debate público, eram dados pelos intelectuais agraciados com posições de destaque — colunas na imprensa, contrato com editoras — nessa estrutura de comunicação.

E essa estrutura era cara. Produzir um programa de TV e difundi-lo em rede nacional; imprimir e distribuir um jornal diário; fazer pesquisa científica e sustentar acadêmicos; tudo isso exige capital. Logo, poucas instituições o faziam.

Nenhuma informação chegava ao grande público sem que fosse produzida e filtrada por profissionais. Investigação, apuração, edição. Nenhum colunista falava às massas sem que editores tivessem lhe dado aquele espaço. O jornalismo profissional era como uma garantia de qualidade mínima para toda informação que chegasse ao grande público.

Mas era também a garantia de que seus interesses, seus vieses, suas deficiências de formação e seus preconceitos sistêmicos passassem batidos, como se nada mais fossem do que a pura objetividade. Havia alguma diferença no posicionamento dos diversos meios — este jornal mais à esquerda, aquele mais à direita —, mas, se comparado aos dias de hoje, o que dava a tônica era o consenso.

Três singelas invenções mudaram esse panorama e esmigalharam o consenso. A primeira foi a internet, que significou acesso ilimitado a uma quantidade sem precedentes de informação para qualquer indivíduo conectado.

A segunda foram as redes sociais e aplicativos de mensagens. Com eles, deixamos de ser apenas consumidores de informação e nos tornamos produtores. Cada um de nós ganhou um megafone com o potencial de atingir milhões de pessoas, ganhando status, fama e até dinheiro com isso.

A terceira foram os *smartphones*. Eles acabaram com a separação entre o “mundo virtual”, acessado apenas quando nos sentávamos ao computador, e o restante da vida. Agora estamos todos conectados o tempo inteiro. As atualizações do online são a última coisa que olhamos antes de dormir e a primeiríssima que checamos ao acordar.

Cada um carrega no bolso um concorrente direto da velha e cara estrutura de informação dominante. A notícia não vem mais só no jornal que espera esquecido à porta; chega a nós por mensagens de amigos, posts

de desconhecidos, e pode ter saído da mídia profissional ou do trabalho de um amador. Ou de um falsário.

O poder de monopólio da velha ordem — instituições profissionais com vastos recursos à disposição — foi quebrado. E com a perda do monopólio, esvai-se rapidamente o respeito e a aura de autoridade que elas tinham. As vozes se multiplicaram, o poder dos grandes editores, curadores e seletores em decidir o que o público verá ou não escorre por suas mãos. Com isso, velhas hierarquias de privilégio e preconceito foram quebradas; mas os critérios básicos de método científico e do jornalismo profissional também.

Uma posição de destaque na imprensa como a minha — colunista de um grande jornal — era no passado um palanque inatingível pelas multidões acostumadas a serem apenas leitoras. Quando muito, um ou outro podia escrever uma carta à redação. Agora todo mundo fala; o articulista em pé de igualdade com cada usuário das redes.

Todo mundo fala, mas cada um só ouve o que quer. As notícias da velha mídia te desagradam? Elas nem sempre reafirmam sua visão de mundo? Então feche já esse jornal, desligue essa tv e consuma apenas conteúdo feito sob medida para confirmar cada uma das suas crenças e preferências. Converse cada vez mais apenas com outros que pensam e sentem da mesma forma.

O mercado é mestre em nos entregar aquilo que queremos. Se o que buscamos ao consumir informação não for — ela de novo — chegar à verdade, e sim reafirmar aquilo em que gostamos de acreditar, é isso que receberemos.

Não adianta procurar racionalidade. A mente é especialista em criar explicações para mostrar porque seu lado está sempre certo. Mais informação não significa mais consenso, e sim mais divergência, pois há mais elementos para cada mente selecionar e montar a narrativa que mais lhe agrade. E se for necessário acusar o mundo inteiro das barbaridades mais amalucadas só para justificar continuar apoiando seu líder do coração, é isso mesmo que ela fará.

“Antigamente”, nos velhíssimos tempos, a divergência se dava sobre uma base de fatos e métodos comuns. Hoje, a divergência inclui os fatos mais básicos — será que a Terra é mesmo plana? Vacinas funcionam ou são parte de uma conspiração? — e se estende sobre os próprios critérios

de sua resolução. Quem me garante que o consenso científico não é ele próprio corrupto?

Os fatos brutos, a realidade que se desenrola independente da nossa vontade, são um perigo. Às vezes eles favorecem nosso lado; mas nem sempre. Outras vezes eles são verdadeiras pedras no meio do caminho. Nenhuma causa ou partido estará 100% alinhado aos fatos. Assim, um jornal que seja fiel aos fatos irá, em alguma medida, desagradar a todos. Na realidade pulverizada das redes, isso é um ponto contra, porque é perfeitamente possível consumir apenas aquelas fontes feitas para nos agradar. Aquelas fontes que processam e embalam os fatos na narrativa desejada: maximizando a importância das notícias favoráveis e minimizando as desfavoráveis e, no limite, negando ou inventando fatos. Se for conveniente para mim, então a facada em Bolsonaro foi obra de uma vasta conspiração da esquerda comunista. Ou então ela nem sequer existiu e é tudo um complô da direita.

Esse é o pano de fundo dos artigos que compõem este livro, escritos para a Folha de São Paulo entre 2017 e 2022. Vamos do pós-impeachment, acompanhando o fim do governo Temer, para a conturbada campanha de 2018, a greve dos caminhoneiros, o governo Bolsonaro, a pandemia, a epopeia de Sérgio Moro na política, o protagonismo do Centrão, as eleições americanas, até as vésperas do novo período eleitoral de 2022 e seu desfecho, a reeleição de Lula para um terceiro mandato. Um período relativamente curto, mas de muita tensão cultural e institucional. Ao mesmo tempo que o presidente rivaliza com os demais poderes da República, novos movimentos da sociedade civil — especialmente ligados a questões raciais e de gênero — antagonizam radicalmente com nossas concepções tradicionais do que é o Brasil e de como nossa história deve ser contada.

Quando leio uma coletânea, sempre busco duas coisas. Uma, a mais óbvia: qual o pensamento daquele autor sobre diversos assuntos. Mas há um outro atrativo desse tipo de livro para mim: colunas semanais num jornal acompanham os eventos mais marcantes do país conforme eles acontecem. Assim, a sequência dos artigos é um jeito de assistir ao desenrolar da história, não do ponto de vista pretensamente neutro e superior de um historiador que narra eventos passados, mas de um observador que os assistia, registrava-os enquanto aconteciam e ainda fazia seus co-

mentários sem o privilégio do conhecimento posterior. Erros e acertos de previsão, insights perspicazes e bolas foras inacreditáveis; tudo está aí. Não se espantem, inclusive, se com o passar dos anos alguma mudança sutil de posicionamento se esgueirar pelos artigos; só não muda o que está morto.

Nesses quase cinco anos o debate público — graças à revolução tecnológica descrita acima — se democratizou como nunca. Ao mesmo tempo, e não por acaso, também foi um período marcado por muita propaganda, muita *fake news* e muito discurso de ódio, visando a fanatizar uma parcela sempre maior da população.

“Desastre” é um eufemismo para o que o governo Bolsonaro fez em tantas áreas: educação, meio ambiente, relações internacionais, transparência, instituições independentes. E, ainda assim, seus apoiadores têm motivos que merecem ser compreendidos, e a reação ao desastre pode, ela própria, promover uma dinâmica destrutiva.

Regras do jogo, instituições, limites ao poder? Nada disso! O que interessa é que meu lado vença, caso contrário os inimigos vencerão e estaremos todos perdidos. Se uma parcela grande o bastante da sociedade seguir por esse caminho, muito em breve não haverá mais sociedade. Tentei e tento me contrapor a essa tendência espontânea de a tudo partidarizar. É preciso resgatar a capacidade de olhar objetivamente para a realidade, que não se adequa perfeitamente aos desejos de ninguém, e, com base nela, corrigir-se a si mesmo.

No passado, esse lado desestabilizador da humanidade era contido pelas amarras de um sistema que dava voz a poucos. Hoje essas amarras são inócuas e as tais instituições estão todas sob suspeita. A nova ordem terá de vir da virtude dos indivíduos. E é a eles — a você, a nós — que eu me dirijo. Nestes tempos em que a informação que chega até nós se pauta por nosso próprio desejo, a busca pela justiça e pela verdade objetivas, por ver além do sentimento tribal — esse sentimento que nos dá a sensação de participar de uma guerra santa contra as forças do mal —, terá de vir do cultivo de nosso próprio pensamento crítico individual.

Assim, minha primeira preocupação é não aceitar nada por imposição ou por autoridade, e voltar sempre às razões para acreditar em nossas crenças, mesmo as mais básicas, sem bloquear a discussão com juízos morais.

Acredito que a argumentação conduzida de forma serena e respeitosa é já uma forma de superar a divisão tribal tóxica. A segunda é lembrar que em todo assunto há nuances, que toda decisão — mesmo correta — tem seus custos e que mesmo posições erradas podem ter pontos válidos.

Não é uma postura que renda aplausos efusivos, mas acredito ser a correta e a mais construtiva. Bem sei que não falta quem jogue para a torcida, moldando seu discurso para agradar um público sedento de afirmação. Esses têm sua recompensa, mas o Brasil paga o preço. Penso que um formador de opinião — e hoje todo mundo é em alguma medida formador de opinião — responsável contribui para melhorar seus leitores e interlocutores, levando-os a refletir mais e melhor, e não para degradá-los, reforçando neles seus preconceitos e espírito de manada. E às vezes nada melhor para levar a esse autoquestionamento do que o humor, a ironia e a sátira. Espero que o leitor perceba que alguns dos artigos a seguir foram escritos nesse espírito; mas, se não perceber, isso também é do jogo.

Sempre em meio a desacertos, o Brasil costuma dar um jeito de caminhar na direção certa e escapar do pior, ainda que seja no último minuto. Aos trancos e barrancos, progredimos. Foi isso que observei ao longo de minha vida. Neste momento, isso se torna duvidoso. Corremos o sério risco de afundarmos em ódio mútuo enquanto tudo o que há de mais ganancioso e predatório se locupleta a ponto de se lambuzar. Crise econômica, educacional, ambiental, política e até civilizacional, tudo ao mesmo tempo. Nossas pulsões criativas e competitivas desgovernadas, em vez de contribuir para um mundo melhor, nos empurram à guerra generalizada. Deus, que diziam ser brasileiro, parece que mudou de nacionalidade.

Que este livro seja uma pequena ajuda para clarear nossa visão e recuperar a capacidade do diálogo racional. Deus não é mais brasileiro? Nós ainda somos. O aprendizado daqui para frente terá de se dar entre pessoas como nós, em conversa franca e pautada pela confiança mesmo em meio a divergências. Por que não começar por aqui?

LIBERALISMO POPULAR BRASILEIRO

04/04/2017

A periferia é liberal. Essa é a conclusão do estudo qualitativo feito pela Fundação Perseu Abramo — do PT — sobre como pensam e no que acreditam os moradores da periferia de São Paulo.

Com evidente desconforto, buscando minar as opiniões dos entrevistados com imagens irônicas e caracterizações depreciativas — eles “sobrevalorizam” o mérito e o mercado, sua noção de público é “distorcida”, sua agenda é pautada pela “mídia hegemônica” —, a apresentação expõe o abismo existente entre a visão de mundo da periferia e a ideologia da esquerda nacional, reduto de acadêmicos e militantes.

E no que consiste essa visão de mundo, que o estudo nomeou apropriadamente de “liberalismo popular”? Em primeiro lugar, um individualismo que rejeita anular as próprias ideias ou interesses em nome de uma classe social, raça ou projeto político. A pesquisa até que tentou: dividiu os entrevistados no curioso binômio “brancos” e “negros”, mas as respostas não seguiram nenhuma linha racial.

Em vez do Estado, os entrevistados buscam apoio na família e na religião. Sim, o brasileiro é profundamente religioso; mas não é fanático. Não morreria nem mataria por dogmas e é, via de regra, tolerante. A fé é pessoal, e a igreja figura antes como uma instituição de agregação social e espaço de convivência.

Por fim, acreditam no poder do esforço e da iniciativa pessoais. Não se trata do espantalho de meritocracia criado pela esquerda: a crença tola de que o menino de rua, se trabalhar bastante, chegará a CEO. É a meritocracia em seu sentido legítimo: saber que o esforço pessoal importa; que, com dedicação, é possível melhorar a própria condição de vida e dar aos filhos oportunidades que não se teve.

Nada disso é novidade. Bate, por exemplo, com os resultados abrangentes das pesquisas do Data Favela, feitas desde 2013, sobre os moradores de favela de todo o país. De perfil intensamente social e empreendedor, não esperam cair do céu — ou do Estado — aquilo que querem conquistar aqui na terra. Segundo os dados de 2015, 40% têm desejo de empreender, contra 23% da população brasileira em geral. Não perdem tempo à caça de culpados por seus sofrimentos; querem um Estado eficiente e espaço para crescer. De resto, Deus ajuda quem corre atrás do seu.

É isso que a esquerda brasileira reluta em aceitar: que o pobre é um agente, e não um “pobre coitado”, vítima passiva das classes dominantes. Chegamos ao absurdo em que toda uma corrente política vê o apego à família, a fé e a crença em si próprio como obstáculos a serem vencidos para que, daí sim, sua solução para todos os males — um Estado gordo e controlado por ela própria — possa operar sua obra de justiça social redentora.

Assim como troca de pastor ou bispo quando lhe convém, o brasileiro resiste ao credo que militantes e sociólogos de partido tentam lhe empurrar goela abaixo. Nem pecado original, nem luta de classes. Quer crescer como resultado de sua própria garra. Neste momento, os clérigos de nossa esquerda tradicional enfrentam um dilema claro: ou rever seus dogmas ou, para manter a certeza da própria superioridade moral, aferrar-se às convicções com fanatismo redobrado e contentar-se com o isolamento crescente do mundo real. Em ambos os casos, o Brasil ganha.